

## Gestão de Ativos no setor elétrico e as tendências pós-COVID-19<sup>(1)</sup>

Marisa Zampolli

O ano de 2020 foi marcado pela pandemia do Coronavírus, que provocou no meio empresarial a necessidade de respostas rápidas para uma situação adversa, nunca vivenciada até então. E, como em toda crise, há algo com o que se aprender. Como dizia Charles Darwin: “não é o mais forte que sobrevive, nem o mais inteligente, mas o que melhor se adapta às mudanças”. E essas mudanças aconteceram da forma mais tranquila em empresas que contavam fielmente com seus planos de emergência e resiliência bem estruturados e expandidos entre os diversos níveis hierárquicos.

Esse diferencial também pode ser notado dentro do setor elétrico por companhias que, apesar dos impactos causados pela queda do consumo de alguns segmentos de mercado, aumento das perdas não-técnicas e inadimplência em massa, além da oscilação nas receitas e das dificuldades na continuidade de projetos de expansão e de manutenção, conseguiram manter suas operações e níveis de desempenho sem que os riscos ameaçassem os seus negócios.

Empresas com esse perfil são, em geral, as que já inseriram a gestão de ativos em seus processos empresariais, com a operação focada nos objetivos estratégicos e na gestão de riscos e pessoas, por apresentarem maior estabilidade financeira e possuírem receitas reguladas, com baixa correlação com a atividade econômica. Esse perfil característico é capaz de superar momentos como o nosso atual.

Avaliar continuamente a performance e equilibrar o desempenho financeiro e técnico traz maior flexibilidade quando surge uma crise, já que a velocidade e resposta a esse momento deve ser proporcional à flexibilidade de gerir mudanças e se adaptar a novos ambientes.

Um estudo da consultoria PwC revelou que empresas devem usar a tecnologia para “entender e responder melhor aos seus clientes, trabalhadores, ativos e parceiros da cadeia de suprimentos”. Depois das chamadas empresas “Big Techs” como Apple, Microsoft e Amazon – as que mais cresceram durante a pandemia -, aqui no Brasil, as companhias do setor elétrico foram as que tiveram melhor desempenho econômico e as que menos sofreram desvalorização em suas ações. Isso deve-se muito ao fato dessas instituições já terem alicerçado as práticas de gestão segundo a norma ISSO 55001 e estarem preparadas para um futuro rumo aos 4 Ds: **descentralização, democratização, descarbonização e digitalização**.

A **democratização** refere-se ao acesso à energia com qualidade e preço justo para a população, independentemente de localização ou classe social, e isto só se viabiliza com a **descentralização** que vem por meio das minis e microrredes e da geração distribuída. A **descarbonização** já é uma realidade, com os investimentos progressivos dos grandes grupos internacionais na geração fotovoltaica e eólica. O Brasil, com sua matriz predominantemente renovável, já conta com outras tecnologias como o armazenamento de energia para estabilizar o uso dessas fontes e atrair ainda mais o olhar do investidor.

Entretanto, a **digitalização**, velocidade e quantidade de informações que circulará pelas redes de energia com os novos entrantes no sistema, impulsionará ainda mais

a necessidade primordial da gestão de ativos de novas tecnologias vinculadas ao *big data, clouding computing, machine learning* e *digital twins*.

A pandemia mostrou a importância da mudança e a demanda por tecnologia em todo o setor elétrico, que está se reinventando e desenvolvendo estratégias de inovação e de gestão de ativos com foco em um crescimento mais sustentável.

(1) Artigo publicado na Agência CanalEnergia. Disponível em: <https://www.canalenergia.com.br/artigos/53153627/gestao-de-ativos-no-setor-eletrico-e-as-tendencias-pos-covid-19>. Acesso em 23 de setembro de 2020.